



# IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

## Portugal, território de territórios

---

---

ÁREA TEMÁTICA: Migrações, Etnicidade e Racismo

---

---

### DEVO FICAR OU DEVO IR? A QUESTÃO DO REGRESSO

---

BÄCKSTRÖM, Bárbara

Doutorada, Saúde Internacional, Universidade Aberta, [barbara.backstrom@uab.pt](mailto:barbara.backstrom@uab.pt)

---

CASTRO-PEREIRA, Sofia

---



### Resumo

Envelhecimento e migração tornaram-se temas-chave na Europa de hoje, com um grande número de imigrantes de primeira geração da década de 1970 atualmente aproximando-se da idade da reforma em muitos países europeus.

A novidade deste tema deriva do novo desafio demográfico que precisa ser estudado e discutido de forma comparativa. Apesar da sua importância, este assunto continua a ser bastante marginal em estudos de migração e Gerontologia. O fenómeno do envelhecimento dos imigrantes requer novas pesquisas para evitar estereótipos, como por exemplo, o de retratar os imigrantes como um fardo para os países de destino.

Na literatura o conceito de migração é frequentemente associado a jovens que se deslocam de um país para outro, o país de destino, em busca de melhores condições de vida. A evidência mostra que ainda hoje, os imigrantes concentram-se nas faixas etárias mais baixas (Marques e Ciobanu, 2012).

A história do século XX veio para mostrar que muitos migrantes acabam permanentemente por se fixar nos países de destino, mesmo se a expectativa fosse inicialmente a de regressar aos seus países de origem. Como afirmado por Roldão e Machado, à medida que avançam na idade reformulam essa expectativa, porque encontram diversas razões para ficar e não regressar (Roldão e Machado, 2012). O retorno é na verdade um eterno mito embora parte dos imigrantes mais velhos desejem circular entre os dois países (Monteiro, 1994; Almeida, 2008 Aggoun de 2002), o que alguns autores chamam de "estilos de vida transnacionais" (Warnes e Williams, 2006).

Em Portugal, os imigrantes mais idosos começaram a ganhar alguma visibilidade nos anos 2010 nas agendas políticas e científicas, com o II Plano para a Integração de Imigrantes 2010-2013 e os estudos de Machado e Roldão (2010), Marques e Ciobanu (2012) e Machado (2012), que focam a análise na saúde, condições de vida, regresso dos imigrantes, serviços que prestam cuidados aos imigrantes idosos e o chamado Lifestyle Migration (migração enquanto estilo de vida). O panorama migratório está em rápida mudança com um aumento dos imigrantes mais velhos, apesar deste ser ainda bastante residual.

O presente estudo examinou as razões do não retorno aos países de origem na terceira idade e após a reforma, bem como a análise da existência de redes de apoio para estes idosos imigrantes.

### Abstract

Ageing and migration have become key topics in Europe today, as a large number of first generation immigrants of the 1970s are currently approaching retirement age in many European countries. In Portugal, the older immigrants began to gain some visibility in the 2010s political and scientific agendas, with the II Integration Plan of Immigrants 2010-2013 and the studies of Machado and Roldão (2010), Marques, Ciobanu (2012) and Machado (2012), which studies focus on health, living conditions, the return of immigrants, services which they provide care and so-called lifestyle migration "lifestyle migration". Migration panorama has been changing quickly, older migrants are increasing, despite being very residual.

The present study examines the reasons to not return to their countries after retirement and the existence of support networks. The sample are 24 older adults immigrants who were interviewed through two local immigrant associations in the surroundings of Lisbon.

Results showed that main reasons to not return or delay the return are the lack of conditions, better support from the state and social security, better access to health care, poor health status and support from a family member. In addition, some wish and plan to return but postpone it for several reasons.

Palavras-chave: imigrantes idosos, regresso, cuidados e suporte

Keywords: elder migrants, return plans, care and support.

[COM0293]



## 1. Introdução

Envelhecimento e migração tornaram-se temas-chave na Europa de hoje, com um grande número de imigrantes de primeira geração da década de 1970 atualmente aproximando-se da idade da reforma em muitos países europeus. A novidade deste tema deriva do novo desafio demográfico que precisa ser estudado e discutido de forma comparativa. Apesar da sua importância, este assunto continua a ser bastante marginal em estudos de migração e Gerontologia. A evidência mostra que ainda hoje, os imigrantes concentram-se nas faixas etárias mais baixas (Marques e Ciobanu, 2012).

A história do século XX veio para mostrar que muitos migrantes acabam por se fixar permanentemente nos países de destino, mesmo se a expectativa fosse inicialmente a de regressar aos seus países de origem. Como afirmado por Roldão e Machado, à medida que avançam na idade reformulam essa expectativa, porque encontram diversas razões para ficar e não regressar (Roldão e Machado, 2012).

O retorno é na verdade um eterno mito embora parte dos imigrantes mais velhos desejam circular entre os dois países (Monteiro, 1994; Almeida, 2008; Aggoun, 2002), o que alguns autores chamam de "estilos de vida transnacionais" (Warnes e Williams, 2006).

Em Portugal, os imigrantes mais idosos começaram a ganhar alguma visibilidade nos anos 2010 nas agendas políticas e científicas, com o II Plano para a Integração de Imigrantes 2010-2013 e os estudos de Machado e Roldão (2010), Marques e Ciobanu (2012) e Machado (2012), que focam a análise na saúde, condições de vida, regresso dos imigrantes, serviços que prestam cuidados aos imigrantes idosos e o chamado Lifestyle Migration (migração enquanto estilo de vida).

O caso das pessoas mais velhas dos PALOP) distingue-se dos restantes. Chegaram entre o final dos anos 80 e meados dos anos 90 do século XX, fluxo de migração económica, laboral e jovens adultos em que a maioria ainda não passou atualmente os 65 anos,

Há igualmente um número residual de idosos e recentemente imigrantes que chegam já com idades avançadas para se juntar às suas famílias.

A sedentarização acaba por acontecer e a idade dos imigrantes aumenta. Ao mesmo tempo, o envelhecimento dos migrantes é uma causa de que sedentarização. Com o avanço da idade, aumentam as razões para ficar, quer de natureza familiar, uma maior qualidade de vida e o enfraquecimento de laços com os países de origem. Depois de três ou quatro décadas após a chegada, os laços e referências desaparecem e há um mundo familiar construído no país de acolhimento, formado pelo espaço do bairro e da casa, pelas pessoas e os hábitos diários. Por outro lado, a presença de descendentes no país de destino, ajuda a fixar os mais velhos porque eles têm essa rede familiar de apoio na velhice. A vantagem comparativa que o país de destino pode oferecer em termos de bem-estar, em matéria de acesso aos cuidados de saúde e outras características importantes a nível pessoal, constituem-se como fatores adicionais para não regressar. Por todas estas razões, os projectos de muitos imigrantes mudam ao longo dos anos da ideia de retorno para a decisão de permanecer (Machado, 2012b).

Como discutido por Ciobanu (2012) os imigrantes consideram regressar porque têm pequenas pensões, o que seria suficiente para viver no país de origem. No entanto optam por não retornar por não terem a assistência médica e ficariam numa situação de maior vulnerabilidade. Outra razão para não voltar é a falta de meios financeiros para fazê-lo. O retorno depende de muitas variáveis: ter uma casa, a presença dos familiares, filhos e netos, o tratamento médico.

Comparando nacionalidades, os imigrantes de origem africana são aqueles que ficam mais velhas e tendem a fixar-se em Portugal, os brasileiros e do leste europeu tendem a permanecer temporariamente, de acordo com Tiago de Oliveira e Peixoto (2012). O fenómeno da sedentarização acaba por acontecer à medida que a idade dos imigrantes aumenta. Com o avanço da idade, aumentam as razões para ficar, quer de natureza familiar, qualidade de vida e enfraquecimento dos laços com os países de origem.

O panorama migratório está em rápida mudança com um aumento dos imigrantes mais velhos, apesar deste ser ainda bastante residual (INE, 2011). Na maioria (oito) populações estrangeiras - romenos, russos, moldavos, guineenses, angolanos, São-tomenses, chineses e franceses - o número de pessoas idosas não atinge 1/5 do número de jovens. Por outro lado, os cidadãos de Espanha e do Reino Unido (designados como migrantes de estilo de vida) apresentam níveis de envelhecimento mais elevados do que os da população portuguesa e dos restantes estrangeiros em Portugal. Estimam-se cerca de 35 mil imigrantes idosos.

Os imigrantes de Cabo Verde são os que têm o maior número de pessoas mais velhas, grupo mais antigo a chegar a Portugal (Machado, Roldão, 2010). Todos os outros imigrantes são mais recentes e com um número menor de idosos. De acordo com Machado, 1310 cidadãos africanos seniores chegaram entre 2001 e 2005 o que aumentou cerca de 10% em relação a 2001 (13 070).

A chegada de uma maioria das mulheres africanas está relacionada com agrupamentos conjugais posteriores ou fenómenos de solidariedade entre gerações, em que os imigrantes descendentes em Portugal trazem as suas mães quando estas começam a envelhecer e exigem mais e melhor assistência pessoal e médica (Roldão e Machado, 2012). Os dados sugerem um processo específico de reagrupamento familiar, onde os imigrantes mais velhos e inativos se juntam às suas famílias em Portugal em busca de melhores condições de cuidados de velhice (Marques e Ciobanu, 2012).

## **2. Objectivos do estudo**

Entrevistamos 24 imigrantes mais velhos sobre os planos futuros, e a ideia do retorno. O objetivo foi compreender as razões porque decidiram permanecer em Portugal e por que não regressam aos seus países. Para tal, foi necessário entender onde estão as suas redes de apoio, onde podem obter cuidados e quem são seus cuidadores.

O objetivo da análise é olhar para as razões para o regresso ou não, ou para atrasar o retorno ao país de origem. Quisemos perceber porque preferem ficar em Portugal depois de se aposentarem, mesmo que o sonho deles seja o de voltar, terem construído uma casa na terra natal, já não trabalhem e desejarem passar o resto de sua vida de e morrer em sua terra natal.

## **3. Métodos**

O presente estudo examinou as razões do não retorno aos países de origem na terceira idade e após a reforma, bem como a análise da existência de redes de apoio para estes idosos imigrantes.

A amostra é composta por 24 imigrantes idosos que foram entrevistados por meio de duas associações locais de imigrantes nos arredores de Lisboa. A maioria dos entrevistados sente o desejo e tem o plano para o regresso, mas por diversas razões este projeto vem sendo adiado.

A metodologia de pesquisa que permitiu a recolha dos dados consistiu no trabalho de campo em 2014 na área da Grande Lisboa. Foram realizadas 24 entrevistas semi-estruturadas a imigrantes com 65 e mais anos, de diferentes países (Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Moçambique). Todas as entrevistas foram completamente gravadas e transcritas.

A pesquisa de campo foi realizada através de duas associações de apoio a imigrantes, principalmente na saúde, localizadas em dois bairros de habitação social são AJPAS no Casal da Mira e PROSAUDESC nos Terraços da Ponte. São dois bairros situados em grandes contextos de vulnerabilidade, perto de Lisboa. Seis homens e seis mulheres foram entrevistados na associação AJPAS e seis homens e seis mulheres foram entrevistados na associação PROSAUDESC.

## **4. Resultados**

#### 4.1. Perfil e tempo de residência em Portugal

Podemos distinguir trabalhadores imigrantes que vieram em busca de uma vida melhor há muito tempo e envelheceram no local de destino e aqueles que vieram há menos tempo considerados imigrantes seniores que se reúnem à família, indivíduos essencialmente dependentes que seguem os filhos ou membros da família que chegaram no processo de reagrupamento familiar ou para tratamento médico, chamada "geração 0". Os dados sugerem um processo de reagrupamento familiar específico, em que os imigrantes inativos e pessoas mais velhas, vêm juntar-se às suas famílias de imigrantes em Portugal, em busca de melhores condições de assistência velhice (Machado, 2010; Marques e Ciobanu, 2012). Foi possível identificar a chamada "migração feminina a solo" como um padrão predominante. No entanto, podemos distinguir dois tipos de migração feminina. As mulheres que vieram para cerca de 40 anos que chegou sozinho, muitos deles já tiveram filhos e deixá-los no país de origem, reunindo-os mais tarde em Portugal e aqueles que chegaram entre há 3 - 15 anos, vieram com os filhos ou ao encontro dos filhos já adultos, para que possam cuidar deles. Esta é a situação que foi identificada por Machado e Roldão (2010), que é o de pessoas mais velhas, a maioria mulheres, que migram para se juntar filhos e netos nos países de destino.

As mulheres têm entre 65 a 87 anos e os homens têm entre 65 e 80 anos de idade. Nasceram principalmente em Cabo Verde, mas agora a maioria deles já têm a nacionalidade Portuguesa (8 deles). Os outros ainda têm a sua nacionalidade de origem: Cabo Verde (8), São Tomé e Príncipe (4), Guiné-Bissau (1).

Aqueles que não têm nacionalidade Portuguesa, a maioria estão em situação regular (autorização de residência, residência da comunidade). Alguns deles ainda estão em situação irregular e não têm os documentos (2 homens e 3 mulheres).

Em termos de alfabetização, oito nunca foram à escola (6 mulheres e 2 homens), mas já em idades mais avançadas 3 mulheres frequentaram cursos de alfabetização. O resto, a maioria deles fizeram o ensino primário incompleto (4 casos) ou completo (5 casos). No caso dos homens, três deles estudaram mais anos na escola secundária. Um homem fez um curso de regente agrícola e outro homem agora está a terminar a escola secundária para tentar continuar o ensino superior.

As mulheres vieram para trabalhar no trabalho doméstico (3 casos) (dona de casa, trabalhar em limpezas), torrefacção de café. Seis das doze mulheres nunca trabalharam em Portugal porque estavam doentes e vieram para Portugal para viver com as suas famílias (principalmente com as filhas e netos) e serem cuidadas por elas e ter a possibilidade de vir aqui para fazer os tratamentos. Duas mulheres chegaram recentemente porque não têm apoio no país de origem e já não são autónomas. Só as mulheres têm o tipo de migração chamado de geração 0. Encontrámos seis mulheres que já chegaram com uma idade avançada para se juntar aos filhos, porque não têm ninguém para cuidar deles no país. Estão limitadas pela idade e as condições de saúde.

Os homens vieram basicamente, para trabalhar na construção civil (edifícios, estradas, pedreiro, serralharia), mecânico. Um homem trabalhava a cuidar das pessoas idosas através de cuidados domiciliários. Dois dos homens não estão aposentados, continuam a trabalhar na construção civil. Um ainda faz biscates, outro está desempregado, mas recebe subsídio de desemprego.

Onze deles (7 homens e 4 mulheres) são aposentados e recebem uma pensão de reforma. Os outros recebem o rendimento mínimo garantido ou o rendimento social de inserção, porque eles não fez descontos suficientes para a segurança social. Quatro mulheres não recebem nada. O montante da pensão é entre 200 e 400 euros, algumas mulheres declaram que, por vezes, os seus filhos que vivem no estrangeiro enviam-lhes algum dinheiro para ajudar e complementar o montante recebido. Um homem recebe uma pensão por invalidez, dois homens ainda estão à espera da reforma, mas há muita burocracia e processos judiciais. Um homem diz que recebe apoio alimentar pelo banco alimentar, dois disseram que tentaram obter essa ajuda e não conseguiram.

Todos eles tiveram filhos, as mulheres entre 2 e 10 filhos, os homens entre 3 e 15.

Algumas pessoas dizem que se sentem tristes e solitários e perderam a família. Queixam-se da falta de família, amigos e vizinhos para os apoiar. Mais do que para as mulheres isto acontece com os homens que vivem sozinhos.

Pelas rotinas, podemos concluir que temos um padrão de uma condição sócio-económica baixa com uma má velhice semelhante ao que Machado e Roldão chamam de envelhecimento inativo e socialmente isolados. Têm baixos recursos económicos combinados com as relações sociais restritas confinados à família (Machado e Roldão, 2010).

Quase todos relataram problemas de saúde. (Pressão arterial elevada, diabetes, trombose, dieta, colesterol, gastrite, problemas de memória, dores, cataratas, alergias e asma) tipicamente doenças da idade. Um homem disse ter HIV. Três mulheres e um homem vieram para Portugal em tratamento. Dois homens tiveram acidentes de trabalho.

#### 4.2. O retorno

Os resultados mostraram que as principais razões para não retornar ou retardar o retorno são a falta de condições para o realizar, um melhor suporte por parte do Estado português e da segurança social, um melhor acesso aos cuidados de saúde, o relato de um mau estado de saúde e ainda ter por perto o apoio de membros da família para os cuidar.

Em geral, verificou-se que as principais razões para não voltar são a falta de dinheiro, falta de condições (para construir uma casa lá, para comprar o bilhete de avião, dinheiro para gastar lá), mais a ajuda e apoio da segurança social em Portugal, melhor acesso a serviços de saúde, a localização da família que cuida deles. Especialmente os homens acrescentaram que os cuidados de saúde, medicamentos e tratamentos são melhores aqui do que no país de origem. Os resultados mostraram que apenas as mulheres estão em Portugal para ser cuidadas por um membro da família (filhas) e os homens estão, na maioria parte deles, vivendo sozinhos. Também afirmaram más condições de saúde como uma razão para ficar. Há uma distinção entre as pessoas mais velhas que migram e os ex-trabalhadores migrantes como em Warnes e Williams (2006) 'Envelhecer enquanto imigrante não é o mesmo que a imigração enquanto idoso'.

Alguns inquiridos explicaram as razões que os fazem adiar o retorno (precisam para construir / reparar uma casa, encontrar o dinheiro para voltar, conseguir as condições para fazê-lo). Outros desejam voltar para casa porque se sentem sozinhos, tristes e isolados mesmo vivendo com a família, ter uma casa na terra natal, mas adiam o regresso. Duas pessoas solicitaram a assistência do programa de retorno voluntário.

Um homem da Guiné-Bissau, de 65 anos disse: "Eu queria morrer no meu país, é o sonho de todos os imigrantes." Ele diz que na Guiné é a família que cuida dos idosos.

Como já dissemos uma razão principal é a falta de dinheiro e falta de condições. Alguns depoimentos ilustram:

*"o retorno é uma faca de dois gumes, porque se eu tivesse condições eu gostaria de voltar, não tenho nenhuma casa Se eu tivesse condições eu iria para 6 meses e voltava."* (Homem, São Tomé e Príncipe, 73 anos);

*"Quando fiquei aposentado planeava ir, mas nós pensamos de uma maneira e fazemos outra. Comprei um terreno e construí uma casa que não está terminada. Agora não há dinheiro para enviar à família (6 filhos estão lá). Vou muitas vezes ao Luxemburgo onde a minha esposa está a cuidar dos netos então aqui eu sinto solidão. de vez em quando eu penso em voltar, mas eu tinha que virar qualquer coisa para conseguir dinheiro para voltar para terminar a casa. para chegar lá, você tem que ter recursos. Se você tem dinheiro e algo para fazer é ok "* (homem, Cabo Verde, 74 anos de idade);

*"Um dia eu vou voltar, mas não agora. Sinto-me feliz lá com minha família, mas sem dinheiro eu vou estar mais triste"* (homem, Cabo Verde, 77 anos de idade).



Alguns homens dizem que pretendem ficar porque não têm dinheiro para voltar e sem casa para viver, apesar do desejo de voltar. Outros dois homens recebem em Portugal, o rendimento social de inserção e uma pensão e se voltarem eles vão perdê-lo e não recebem nada.

Três mulheres têm planos para voltar para Cabo Verde. Dizem que tudo é melhor lá e aqui sentem-se tristes e sozinhas. Mas o problema é a falta de dinheiro para pagar o bilhete para ir para lá. "Cabo Verde com trabalho é uma terra cinco estrelas, mas com trabalho Cabo Verde é a melhor terra, Nós Terra Eu tenho vontade de voltar definitivamente para a minha casa..."; "A vida em Cabo Verde é mais difícil porque não há trabalho. Eu gostaria de viver lá por um tempo, estar lá e estar aqui, o clima é melhor lá. O que eu queria fazer é voltar para a minha terra. Meu plano é ir lá para morrer, eu gostaria de ir lá para morrer ". (Mulher, Cabo Verde, 80 anos de idade). Outra senhora (72 anos) manifestou um grande desejo de voltar porque não há nada aqui, apesar de viver na casa de um filho (sente-se muito só e muito triste). Pediu ajuda ao programa de regresso voluntário. Ela chegou há catorze anos.

Outra razão são as melhores condições de saúde e acesso ao tratamento e mais apoio em Portugal. "Uma pessoa idosa vive pior lá porque não há nenhuma assistência e cuidado, aqui nós temos o cuidado e ajuda para medicação e saúde"; "Em Portugal recebo ajuda de medicação, ajuda para pessoas idosas e para a saúde também é melhor"; "A vida é melhor aqui, com a ajuda do Estado", "Ajuda na saúde e na vida é melhor aqui". "Não, eu tenho a minha família, aqui os tratamentos são melhores", "Se você tem família lá é muito bom, mas ajuda muito pouco. Aqui você tem mais ajuda".

Um homem aposentado com 67 anos de idade diz que "qualquer dia eu realmente vou para lá, eu não fui por causa do meu filho menor, mas eu fui lá terminar a casa". Outro homem (73 anos) diz que pensa sempre no retorno, e qualquer dia ele volta, tem uma casa para arranjar. A ideia é ir e vir. Ele acha que aqui é melhor, tem suporte, e tem mais anos aqui do que lá. O mesmo acontece com um homem da Guiné-Bissau (68 anos) "Eu sempre penso em voltar, eu tenho duas esposas e oito filhos. O meu plano é começar a receber a pensão aqui, viver um ano e voltar a viver lá por dois anos e voltar novamente para mais um ano. " O mesmo disse outro homem com 68 anos de idade "preocupação é o dinheiro para pagar o bilhete para ir lá para sempre. Eu penso no retorno, que é o meu desejo".

Outros, manifestam a sensação de que a sua terra agora é Portugal e preferem ficar em Portugal para sempre. Um homem de 65 anos, de Guiné-Bissau diz que não vai voltar para a Guiné porque para ele a sua casa é aqui. Uma mulher, 73 anos, de Moçambique não acha que volta e diz que ela realmente gosta de estar em Portugal.

Em termos de mobilidade contínua, algumas pessoas têm a possibilidade de viver entre os dois países e fazer visitas curtas a membros da família (filhos e netos) em outros países (França, Luxemburgo, EUA). Um homem de Cabo Verde, 77 anos diz que "eles estão aqui todos os filhos e netos, eu não me importo de ir lá 2 meses. Eu estava lá em 2011, construiu uma pequena casa, no ano passado fui para a América para ver a família ". Os nossos resultados podem parcialmente concluir o mesmo que Roldão e Machado (2010). Uma parte dos migrantes aposentados, como alguns trabalhadores migrantes pode ou deseja, circular entre ambos os países (origem e destino) colocando em prática a chamada "estilos de vida transnacionais". Mas esta mobilidade começa a diminuir com o tempo, quando eles chegam à "quarta idade", e muitos ficam definitivamente no país onde eles decidiram viver a velhice.

Pensamos que se tivéssemos outros grupos socio-económicos diferentes os "estilos de vida transnacionais" apareceriam com mais frequência.

Outro motivo é ter o apoio da família aqui que cuida deles (no caso das mulheres). Uma senhora que retornou este ano para Portugal estava lá a viver na casa dos filhos, alternadamente uma semana em cada e aqui vieram viver apenas com uma filha. Uma senhora com 80 anos de idade não pode viver em Cabo Verde, porque não tem lá os filhos, estão todos aqui e ela não pode fazer o trabalho em casa e depende do cuidado deles aqui. Uma mulher, 70 anos, de São Tomé e Príncipe diz que se sente triste porque esta não é a sua terra, mas ela não vai voltar porque sua filha está aqui e se ela retorna não é apenas para visitar e voltar. É

melhor estar aqui, porque ela tem mais apoio. Outra mulher (68 anos) diz o mesmo, ela está aqui para viver com uma filha que cuida dela.

Outra razão é as más condições de saúde e necessidade de tratamentos médicos. Uma mulher de 65 anos de São Tomé e Príncipe veio em tratamento médico há quatro anos, veio com sua filha. Não pensa no retorno, para ela aqui é melhor, não tem família lá. Ela ficou doente por isso teve de mudar-se para Portugal.

## **5. Discussão**

O objectivo primário do estudo foi compreender as razões pelas quais estes imigrantes decidiram permanecer em Portugal e porque não regressam aos seus países.

De acordo com a literatura (Bolzman, Fibbi, Vial, 2006 e Roldão e Machado, 2012) as intenções de retornar aos países de origem, na verdade, vai caindo à medida que se aproximam da reforma. Podemos presumir que o não retorno é um resultado da sua vulnerabilidade e falta de condições, mais do que uma decisão pessoal. Os resultados confirmam que o projeto de migração não foi bem-sucedido e é difícil voltar com uma frágil situação económica (Machado, 2012).

Os resultados estão em linha com a literatura (Roldão e Machado, 2012; Machado As razões para não regressar ao país de origem são várias. Muitos migrantes que chegam ao país de destino têm planos para voltar aos seus países de origem (o chamado "mito do retorno"), mas depois de viver no exterior por muitos anos acabam por encontrar razões para ficar e vivem num duplo conflito. Sentem-se estrangeiros no país onde vivem há três ou quatro décadas, mas também se sentem estrangeiros no seu país de origem devido a uma grande distância, e o mito do retorno continua a ser, para a maioria, um mito. Alguns deles estão tão familiarizados com o novo endereço que preferem não investir numa nova mudança mais uma vez, enquanto outros têm descendentes aqui e sentem que são necessários para cuidar de netos e também são cuidados pelas suas famílias e a rede construída. As vantagens que o país anfitrião oferece em termos de bem-estar e qualidade de vida em termos de acesso a uma melhor saúde para a maioria dos migrantes que chegaram nos anos 80 de países africanos, também são motivos para ficar (Ciobanu, 2012).

O objectivo secundário do estudo foi detectar onde estão as suas redes de apoio, onde podem obter cuidados e quem são seus cuidadores. Vimos que o apoio e cuidados estão próximos e preferem o apoio informal e familiar, em vez de oferta formal em relação aos níveis locais e nacionais. Os que estão em família sentem-se mais protegidos. O suporte é oferecido por um membro da família, em geral as filhas (Roldão e Machado, 2012 e Marques e Ciobanu, 2012). As famílias são muitas vezes o principal local de trocas intergeracionais, de apoio e cuidados (Bäckström, 2012). A solidariedade familiar informal é uma forte fonte de assistência e de intercâmbio que compensam a solidariedade formal. Os tipos de ajuda e o "cuidar" entre os membros da família atendem as necessidades básicas e as dificuldades de gestão de tempo, espaço, dinheiro, que a ajuda estatal não permite.

## **6. Limitações do estudo**

Este estudo apresenta algumas limitações. Quando se discute a questão do envelhecimento dos imigrantes, ambos os conceitos devem ser claramente definidos. O conceito de envelhecimento deve ser clarificado. A maior parte da literatura toma como referência a idade no momento da reforma. A idade no momento da reforma é diferente de país para país. Para a ONU é mais de 60 anos de idade, para a OCDE é mais de 65 anos de idade, A pesquisa Share usa mais de 50 anos de idade. Optámos por seleccionar indivíduos com mais de 65 anos. Sabemos que, mesmo assim, não é uma população homogênea. No entanto, devemos fazer uma análise mais refinada do que demógrafos e gerontologistas chamam de "jovens idosos", "médios idosos" e "idosos mais velhos". Em relação ao conceito de "migrante internacional", de acordo com a definição da Organização das Nações Unidas são os indivíduos que foram para fora do país de origem por um período de

pelo menos um ano e foram também os que optámos por seleccionar. O Estado português distingue cidadãos nacionais e estrangeiros, embora reconhecendo diferentes estatutos estrangeiros.

Outra limitação tem a ver com os casos que escolhemos para estudar. Estes são apenas os usuários de duas associações locais de apoio a migrantes. Todos têm um perfil socioeconómico baixo e vivem em contextos de grande vulnerabilidade socioeconómica e residentes em bairros de habitação social. Deve ser também estudado o caso dos não-usuários destas associações (atualmente há certamente um número muito significativo de imigrantes seniores que desempenham um papel importante na vida activa das suas comunidades e haverá outros, que devido à fragilidade causada pela doença, permanecem confinados em casa, onde a solidão é presente), e falta ainda fazer uma comparação com os imigrantes mais velhos com outros perfis socioeconómicos.

## 7. Conclusão

Conclui-se que as principais razões para ficar e adiar o retorno encontradas no nosso estudo foram a falta de condições e falta de dinheiro, melhor apoio do Estado Português e da segurança social, um melhor acesso aos cuidados de saúde e tratamentos médicos, o estado de saúde pobre, e apoio por parte de um membro da família. Alguns desejam e planeiam voltar, mas adiam por várias razões.

O presente estudo é apenas um primeiro estudo exploratório que nos dá uma resposta parcial à pergunta "por que as pessoas não retornam ou adiam o retorno?".

Os entrevistados não regressaram por isso não foi possível identificar aqueles que voltaram e os fatores associados. Mas foi possível reconhecer os elementos centrais que influenciaram a decisão de permanecer no país de acolhimento. A amostra entrevistada é apenas uma pequena parte da população estrangeira idosa em Portugal e é significativa, mas não representa o universo. É necessário realizar outros estudos para conhecer os determinantes do retorno dos migrantes idosos, incluindo todos os estratos socioeconómicos, outras nacionalidades e aqueles que retornaram. A falta de informação requer inevitavelmente posteriores pesquisas.

## Referências

Aggoun, Atmane (2002). Envelhecimento e imigração: o caso das mulheres *kabyles* em França, *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, n.º4, pp. 21-41.

Almeida, Aníbal de (2008). *Os Portugueses em França na Hora da Reforma. Les Portugais en France à l'heure de la retraite*, Paris: Éditions Lusophone.

Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural (2010), *II Plano para a Integração dos Imigrantes (2010-2013)* – Resolução do Conselho de Ministros n.º 74/2010 e I Plano para a Integração dos Imigrantes – Resolução do Conselho de Ministros n.º 63-A/2007.

Alto Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural (2007), *I Plano para a Integração dos Imigrantes (2007-2009)* – Resolução do Conselho de Ministros n.º 63-A/2007.

Bäckström B., (2012) Envelhecimento ativo e saúde num estudo de caso com idosos imigrantes, *Revista Migrações*, n.º 10, abril de 2012, Observatório da Imigração.

Bolzman C., R. Fibbi, M. Vial (2006), What to Do After Retirement? Elderly Migrants and the Question of Return, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Vol. 32, Number 8, November 2006, pp. 1359-1375.

Ciobanu R.O., (2012) Ageing migrants in Portugal: methodological discussion and empirical evidence in Machado, F.L. (org.) (2012 a) Lisboa: Observatório da Imigração, ACIDI I.P., *Revista Migrações* \_ #10 \_ Abril 2012.

- Instituto Nacional de Estatística (2011). *Censos 2011*, Lisboa:INE.
- Machado, F.L. (org.) (2012 a). Imigração e envelhecimento ativo. Lisboa: Observatório da Imigração, ACIDI I.P., *Revista Migrações* \_ #10 \_ Abril 2012
- Machado, F.L., (2012 b) Introdução: migrantes idosos e envelhecimento ativo Migrantes idosos: génese e diversidade de uma nova categoria in *Revista Migrações*, número temático Imigração e Envelhecimento ativo,
- Machado, F.L. (org.) Lisboa: Observatório da Imigração, ACIDI I.P., *Migrações* \_ #10 \_ Abril 2012
- Machado, F.L., Roldão, C. (2010) *Imigrantes Idosos, Uma Nova Face da Imigração em Portugal*. Lisboa: Observatório da Imigração, ACIDI I.P., *Coleção Estudos* 39.
- Marques, M. M. e Ciobanu, R. O. (2012), *Migrantes Idosos em Portugal*, Fórum Gulbenkian Migrações, Cascais: Principia.
- Monteiro, Paulo Filipe (1994). *Emigração. O Eterno Mito do Retorno*, Oeiras: Celta Editora.
- Roldão C., Machado F.L., (2012). Imigrantes Idosos em Portugal: Um Retrato Panorâmico In Atas do VII Congresso Português de Sociologia, Lisboa: APS, ISBN: 978-989-97981-0-6. Disponível em [http://www.aps.pt/vii\\_congresso/?area=016&lg=pt](http://www.aps.pt/vii_congresso/?area=016&lg=pt).
- Tiago de Oliveira I, Peixoto J. (2012). Envelhecimento da população imigrante: o caso português. *Revista Migrações*, Número temático Imigração e envelhecimento ativo, Machado FL (org), Observatório da imigração, ACIDI I.P., *Migrações*, #10, Abril 2012
- Warnes, A. M., A. Williams (2006), Older Migrants in Europe: A New Focus for Migration Studies, *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Vol. 32, Number 8, November 2006, pp. 1257-1281.